

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE I - ANTES DA REVOLUÇÃO
1 e 17 de Fevereiro de 2023

MOBAREZEH BA ATASH DAR AHVAZ / 1958
“Combate ao Incêndio em Ahvaz”

um filme de Abolghasem Rezai

Realização: Abolghasem Rezai / **Argumento:** Abolghasem Rezai / **Comentário da versão inglesa** (“Fire-Fight at Ahwaz”): John Shearman (**Comentário da versão persa:** Ebrahim Golestan) / **Produção:** Iranian Oil Exploration and Production Company (Irão, 1958) / **Cópia:** DCP, preto e branco, falada em inglês (versão inglesa) e legendada electronicamente em português / **Duração:** 35 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

YEK ATASH / 1961
“Um Fogo”

um filme de Ebrahim Golestan

Realização: Ebrahim Golestan / **Imagem:** Shahrokh Goslestan / **Montagem:** Forough Farrokhzad / **Som:** Mahmoud Hangwal, Samad Pourkamali, Hrand Minassian, Nematollah Raoufi / **Produtor:** Ebrahim Goslestan (Irão, 1961) / **Cópia:** DCP, cor, falada em persa com cartões em inglês, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 25 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

KHASTEGARI | COURTSHIP (SEGMENTO DO IRÃO) / 1961

um filme de Ebrahim Golestan

Realização: Ebrahim Golestan / **Assistência de Realização:** Forough Farrokhzad / **Imagem:** John Gunn / **Som:** Ron Alexander, Marcel Carrière / **Com:** Forough Farrokhzad, etc. / **Produtores:** Gordon Burwash, Julian Biggs / **Produção:** National Film Board of Canada, (Canadá, 1961) / **Segmento de filme colectivo** / **Cópia:** DCP, preto e branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 11 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

KHANEH SIAH AST / 1962
 (“A Casa é Negra”)

um filme de Forough Farrokhzad

Argumento, Montagem e Realização: Forough Farrokhzad / **Textos extraídos do antigo testamento** – **Voz:** Forough Farrokhzad / **Texto documental escrito e dito por Ebrahim Golestan** / **Imagem:** Soleiman Minassian / **Som:** Mahmoud Hangwal, Samad Pur-Kamali / **Assistentes:** Hand Minassian, Amir Karrari / **Produção:** Golestan-Film por encomenda da Sociedade de Apoio aos Leprosos (Irão, 1962) / **Produtor:** Ebrahim Golestan / **Cópia:** DCP (original em 35mm), preto e branco, legendada em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 22

minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: Ciclo “O que é programar uma Cinemateca hoje?”, a 8 de Janeiro de 2011.

duração total da projecção: 93 minutos / legendados eletronicamente em português

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 1

O primeiro filme da sessão, **Mobarezeh Ba Atash Dar Ahvaz** / “**Combate ao Incêndio em Ahvaz**” é um documentário relativamente convencional sobre um acontecimento extraordinário: a luta dos homens com o fogo de um inclemente poço de petróleo a arder em 1958 no sudeste do Irão. Filmado ao longo de várias semanas por Abolghasem Rezai e pela sua equipa, **Mobarezeh Ba Atash Dar Ahvaz** documenta a preto e branco o desastre petrolífero e os momentos que se lhe seguiram de modo relativamente linear, com uma voz *off* e uma ordem narrativa que nos ilustra os acontecimentos nas suas diferentes fases, que correspondem às várias partes do filme. Como refere o cartão inicial na cópia que hoje exibimos, Golestan (re)filmou simultaneamente o mesmo incidente, tendo co-escrito o comentário da versão persa de **Mobarezeh Ba Atash Dar Ahvaz**, sendo que o da versão inglesa, entretanto restaurada a partir de uma cópia em posse de Golestan e agora a exibida, foi escrita por John Shearman. Ficamos sem conhecer o texto de Golestan para **Mobarezeh Ba Atash Dar Ahvaz**, mas intuímos-lo pelo filme seguinte. Não obstante as suas fortíssimas imagens, dada a imponência visual e o potencial do que se filma, **Mobarezeh Ba Atash Dar Ahvaz** sabe a pouco, e o mesmo terá sentido Golestan em 1958, quando decidiu registar as suas próprias imagens no mesmo local. Às imagens e situações comuns que reconhecemos nos dois filmes – um mesmo cartaz, as mesmas fases das operações, a força do fogo, os protagonistas – Golestan acrescentou a sua sensibilidade única enquanto cineasta, mas também a cor, que produz uma verdadeira revolução nos acontecimentos filmados.

Tendo sido o primeiro grande sucesso internacional de Golestan, **Yek Atash** / “**Um Fogo**” é um documentário extremamente poético que sobrepõe imagens do poço de petróleo a arder durante várias semanas, com o dia-a-dia daqueles que o rodeiam. Mas como o próprio Golestan chegou a referir, trata-se de um filme seu, mas também de um filme colectivo, realizado por um conjunto de pessoas muito próximas, com funções pouco definidas. **Yek Atash** contou com o talento do irmão mais novo do cineasta, Shahrokh Goslestan, que assina a fotografia (sempre com câmara à mão) e com a sensibilidade poética de Forough Farrokhzad, que montou o filme, naquela que foi a primeira colaboração com Ebrahim Golestan, numa altura em que a conhecida escritora iraniana atravessava dificuldades e procurou emprego como secretária na produtora recém-criada por Golestan, que prontamente a acolheu noutras funções. **Yek Atash** é a primeira colaboração dos dois e o primeiro filme montado por Forough Farrokhzad.

Yek Atash devolve-nos as imagens do fogo com cores naturalmente exuberantes que contribuem para uma acentuação da grandeza da realidade retratada. São imagens que nos transcendem em que se acentua como o imponente fogo passa a fazer parte de uma paisagem natural habitada por animais e homens, que se submetem ao seu destino. Golestan revela-nos como os homens que combatem o fogo são silhuetas minúsculas numa luta verdadeiramente desigual que exige o máximo da engenharia e um esforço sobre-humano. Como se todo o mundo estivesse a arder numa fogueira gigantesca que se impõe com o cair da noite numa

brilhante sequência que aponta para a escala planetária, enfatizada por um admirável zoom sobre a lua.

São imagens que nos reenviam para uma gigante fundição ou para um vulcão em erupção e que apelam a tantas outras imagens do cinema, como as registadas por Werner Herzog muitos anos depois, quando em 1992 filmou outros poços de petróleo a arder. Tratam-se de imagens com uma qualidade invulgar, acompanhadas pelas sensíveis palavras de Golestan, mas também por orquestrados silêncios, que as fazem sobressair. Os dias e as noites passam e a vida prossegue com naturalidade nos campos, enquanto o fogo continua a arder face à fadiga de máquinas e homens que o combatem. É difícil qualificar a força de **Yek Atash**, como será difícil descrever a força enorme de **Khaneh Siah Ast**, o último filme da sessão, mas é algo que naturalmente se impõe.

O terceiro filme da sessão, **Courtship / Khastegari** é uma curiosa curta-metragem ficcional dos inícios da obra cinematográfica de Golestan que foi realizada para a televisão canadiana no contexto de uma obra colectiva dedicada aos costumes do namoro e da corte em países como a Itália, o Irão, o Canadá ou a Índia. Golestan respondeu à encomenda do National Film Board of Canada com um pequeno segmento que tem a particularidade de convocar a poeta e cineasta Forough Farrokhzad para o seu único papel como actriz no cinema. O argumento é simples, centrando-se nos rituais que presidem ao início da relação de um jovem casal, cujo casamento é acordado pelas famílias, e nos interditos e autorizações a que esta está sujeita. História que é aproveitada por Golestan para mostrar os conservadores costumes do seu país e o papel que é reservado às mulheres num “man’s world” e no contexto de uma cidade moderna como Teerão. Golestan fá-lo com perspicácia e humor na forma como retrata a autoritária figura do pai e a coexistência modos de vida e de religiões numa sociedade em modernização, mas também no modo como o filme acaba por se desenvolver num diálogo a duas vozes, como acontecerá em **Khaneh Siah Ast**, realizado já por Forough Farrokhzad no ano seguinte.

Khaneh Siah Ast é o único filme da mais famosa poetisa iraniana, Forough Farrokhzad. Nele Farrokhzad registará de um modo único o quotidiano de uma comunidade de leprosos junto de Tabriz, a capital do Azerbaijão Ocidental. Obra impressionante, **Khaneh Siah Ast** partirá assim de uma realidade bem concreta para abordar todo um conjunto de questões mais vastas sobre a própria sociedade iraniana. Farrokhzad é sobretudo conhecida pela sua obra literária, que faz dela o maior vulto feminino da literatura persa e uma das vozes mais revolucionárias no Irão, não obstante ter morrido bastante jovem num acidente de automóvel, quando contava apenas trinta e dois anos. Como já descrevemos, em 1958 Farrokhzad conheceu Ebrahim Golestan, colaborando em vários dos seus projectos e iniciando assim a sua relação com o cinema. A sua primeira experiência surgiu quando participou na referida montagem de **Yek Atash** / “**Um Fogo**” e várias foram as funções que assumiu em diferentes filmes produzidos por Golestan no final da década de 50 e início dos anos 60 antes de, em 1962, juntar vários elementos da produtora do seu companheiro e viajar até à colónia de leprosos de Tabriz para filmar **Khaneh Siah Ast**, produzido por Ebrahim Golestan.

Khaneh Siah Ast foi filmado com uma equipa muito pequena em apenas doze dias. Experiência muito curta que gerou uma obra de uma amplitude monumental, e uma experiência que teve ainda consequências imediatas na vida da escritora, uma vez que Farrokhzad chegou a adoptar uma das crianças que aparecem no filme após o final da rodagem. Se Farrokhzad aborda um tema particularmente controverso e difícil, dado tratar-se de uma comunidade de

leprosos que, em 1962, vive num grupo fechado e completamente à margem da sociedade, fá-lo de um modo extremamente justo e possuidor de uma força única, que o crítico Jonathan Rosenbaum tão justamente designou como “humanismo radical”. Humanismo é o termo certo para descrever o imenso poder do filme que, como diz Rosenbaum, estará longe de tudo o que se conhece no cinema ocidental, uma vez que Farrokhzad filma os leprosos com toda a sua dignidade, sem ceder à compaixão. Um gesto semelhante será realizado vários anos mais tarde por outro grande poeta do cinema, Jean-Daniel Pollet, que em **L’Ordre** (1974) retrata de um modo igualmente único o quotidiano numa colónia de leprosos em Spinalonga. Um eco distante de uma realidade cruel, que em 1974 ainda não havia sido erradicada.

Contudo, a originalidade de **Khaneh Siah Ast** ultrapassa em muito a sua temática e a forma como esta é abordada. Documentário contaminado pela ficção, terá sido o primeiro filme iraniano a usar partes captadas em som directo, ao mesmo tempo que antecipa muitas das características que iremos encontrar em trabalhos posteriores de cineastas como Abbas Kiarostami, um dos grandes apreciadores deste filme, que recorre frequentemente à poesia de Farrokhzad nos seus próprios filmes (o título “O vento levar-nos-á” é retirado de um dos seus poemas). Características que colocam **Khaneh Siah Ast** entre as grandes obras da nova vaga do Irão, e que fazem com que Mohsen Makhmalbaf, um outro grande cineasta iraniano, descreva **Khaneh Siah Ast** como “o melhor filme iraniano que irá influenciar o cinema contemporâneo deste país”.

Recuamos ao início de **Khaneh Siah Ast** em que a câmara se detém sobre uma série de rostos que nos olham, imagens acompanhadas por poderosas frases extraídas do Antigo Testamento, ditas pela própria voz da cineasta. São rostos que não esqueceremos e que regressam outra e outra vez, como regressam outras imagens e uma repetitiva cantilena entoada sem cessar, num filme a duas vozes (a outra é de Golestan), que prolongam muitas outras vozes que raramente se fazem ouvir.

Guardamos de **Khaneh Siah Ast** alguns dos momentos mais belos de cinema, como estes ou a sua sequência final em que o professor, face a uma turma repleta de alunos, pergunta a uma das crianças porque deve agradecer a Deus por nos dar um pai e uma mãe, e esta responde: “Não sei, não me deu pai nem mãe”. Posição incómoda que se prolonga na questão seguinte, quando pede a outros alunos que designem coisas belas e coisas feias, e entre as feias são nomeadas as várias partes do corpo. Palavras seguidas por imagens de alguns dos presentes que riem candidamente, exemplares de toda a força que de um filme que insiste na circularidade de um tempo cíclico. Como tão bem escreveu Jonathan Rosenbaum, “se a nova vaga iraniana começa com **Khaneh Siah Ast**, é impossível imaginar até onde irá.”

Joana Ascensão